

BERENICE GEHLEN ADAMS

UM OLHAR PEDAGÓGICO SOBRE A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NAS
EMPRESAS

Centro Universitário Feevale
Instituto de Ciências Humanas Letras e Artes
Curso de Pedagogia
Monografia

Professora Orientadora: Luciana Gehlen
Professoras Co-orientadoras: Sueli Cabral e Clarice Monteiro Escott

Novo Hamburgo, julho de 2005.

AGRADECIMENTOS

Agradeço:

*ao meu pai, Arno José Gehlen, e a minha mãe, Teresinha Gehlen (in memoriam), por
toda dedicação e amor;*

*ao meu grande amor, Pedro Adams Júnior, pelo incentivo constante nesta jornada;
aos meus três amados filhos, Alice, Elma e Artur, pela compreensão dos momentos
ausentes;*

*a minha irmã, Luciana Gehlen, por aceitar o desafio de ser minha orientadora na
elaboração deste trabalho, e pela sua incansável dedicação;*

*a minha irmã, Juliana Gehlen, que colaborou de forma significativa na finalização
desta produção;*

*a todos os meus familiares e amigos (reais e virtuais), pelo carinho e pelo incentivo;
a todos os professores, pelo compartilhamento de saberes, em especial, Sueli Maria
Cabral, Marina Patrício de Arruda, Denise Arina Francisco Valduga, Clarice Monteiro
Escott, Inajara Vargas Ramos, Miriam Pires Correa de Lacerda, Arlete Salcides Feijó
(inesquecível), e a todos os demais mestres que me auxiliaram nesta jornada;*

*as minhas colegas e amigas, em especial, as manas Nivene e Eliane Barth pela
força que me deram para chegar na reta final.*

E, principalmente, a Deus, pela oportunidade de viver.

“O ser humano vivencia a si mesmo, seus pensamentos como algo separado do resto do universo - numa espécie de ilusão de ótica de sua consciência. Essa ilusão é uma espécie de prisão que nos restringe a nossos desejos pessoais, conceitos e ao afeto por pessoas mais próximas. Nossa principal tarefa é a de nos livrarmos dessa prisão, ampliando o nosso círculo de compaixão, para que ele abranja todos os seres vivos e toda a natureza em sua beleza. Ninguém conseguirá alcançar completamente esse objetivo, mas lutar pela sua realização já é por si só parte de nossa liberação e o alicerce de nossa segurança interior”.

Albert Einstein

RESUMO

O foco deste trabalho está voltado para a inserção da Educação Ambiental nas empresas, e aborda a importância do papel do pedagogo empresarial nesse contexto, como forma de colaborar com o desenvolvimento de posturas pró-ativas que favoreçam o estabelecimento de uma sociedade sustentável. Apresenta uma investigação sobre como as empresas estão desenvolvendo as ações de Educação Ambiental, e relaciona com dados obtidos em pesquisa bibliográfica que aborda aspectos legais, históricos e metodológicos da Educação Ambiental e do Sistema de Gestão Ambiental, trazendo autores como Moacir Gadotti, Vilmar Berna, Mauro Grün, Mauro Guimarães, Naná Medina Mininni, Enio Viterbo Junior, Marcio Jardim Motta, Luiz Antônio Abdalla de Moura, entre outros. O assunto abordado no presente trabalho trata de um novo profissional da educação que se lança no ambiente empresarial - o pedagogo -, para levar a dimensão pedagógica aos cursos de formação continuada, treinamentos, capacitações e a todos os processos educativos implícitos no ambiente empresarial, e alia esse novo profissional a outra questão que ainda requer muito estudo e investigação que é a da inserção da Educação Ambiental nas empresas. Apresenta uma profunda reflexão acerca da problemática ambiental que se vivencia, pretendendo despertar o interesse de todas as pessoas, em todos os contextos, principalmente nos ambientes empresariais, para direcionarem suas ações educativas ao desenvolvimento de uma nova e necessária cultura - a cultura ambiental -, promovendo, assim, as mudanças de postura necessárias para a preservação do meio ambiente.

Palavras-chave: Educação Ambiental, Pedagogia Empresarial, Sistema de Gestão Ambiental, ISO 14000.

ABSTRACT

The focus of this work is the insertion of environment education inside de companies and approaches the importance of the enterprise pedagogue in this context as form to collaborate with the development of pro-active positions that favor the establishment of a sustainable society. It presents an research on how companies are developing the actions of environment education and relate with data gotten in bibliographical research that approaches legal, historical and methodological aspects of the environment education and the system of environment management, bringing authors as Moacir Gadotti, Vilmar Berna, Mauro Grün, Mauro Guimarães, Naná Medina Mininni, Enio Viterbo Junior, Marcio Jardim Motta, Luiz Antônio Abdalla de Moura, among others. The boarded subject in this work deals with a new professional of the education that launches himself in the enterprise environment - the pedagogue - to take the pedagogical dimension to the courses of continued formation, training, qualifications and to all educative processes implicit in the enterprise environment, and unites this new professional to another matter that still requires a lot of study and research witch is of the insertion of the environment education inside the companies. It presents a deep reflection concerning the environmental matter, intending to awake the interest of everyone, in all the contexts, mainly in enterprise environments, to direct its educative action for the development of a new and necessary culture - the ambient culture - promoting, thus, the necessary changes of positions for the preservation of the environment.

Word-key: environment education, Enterprise Pedagogy, System of environment Management, ISO 14000.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1 EDUCAÇÃO AMBIENTAL.....	15
1.1 O Surgimento da Educação Ambiental	17
1.2 A Legitimidade e a Concepção da Educação Ambiental	18
1.3 A Educação Ambiental para Promover Mudanças de Atitudes	22
1.4 A Ecopedagogia	26
1.5 A Educação Ambiental e o Sistema de Gestão Ambiental	28
1.6 O Pedagogo Empresarial e a Implantação da Educação Ambiental nas Empresas	33
2 A INSERÇÃO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NAS EMPRESAS.....	39
2.1 Descobertas Sobre a Prática da Educação Ambiental nas Empresas e Apontamento de Lacunas.....	42
2.1.1 Sobre a Participação das Empresas	42
2.1.2 Início da Implantação da Educação Ambiental	43
2.1.3 Responsável pela Educação Ambiental nas Empresas.....	44
2.1.4 Periodicidade da Educação Ambiental.....	47
2.1.5 Planejamento da Educação Ambiental.....	48
2.1.6 Avaliação da Aplicação da Educação Ambiental nas Empresas.....	49
2.1.7 Material Didático de Educação Ambiental nas Empresas.....	49
2.1.8 Aspectos Positivos da Educação Ambiental nas Empresas	50
2.1.9 Aspectos Negativos da Educação Ambiental nas Empresas	51
2.1.10 Autores que Fundamentam a Educação Ambiental nas Empresas.....	53
2.1.11 O que Pensam os Responsáveis pela Educação Ambiental nas Empresas	55
3 CONTRIBUIÇÕES DA PEDAGOGIA PARA A IMPLANTAÇÃO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NAS EMPRESAS.....	60

CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	68
ANEXOS	72

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta uma reflexão acerca da necessidade da mudança de posturas, tanto de pessoas como de instituições, para possibilitar uma melhoria da qualidade de vida, e minimizar a crise sócio-ambiental que se vivencia na atualidade. Aborda, especificamente, ambientes empresariais que desenvolvem atividades de Educação Ambiental (EA)¹, e sinaliza a importância do aprimoramento dos procedimentos educacionais desenvolvidos, apontando a necessidade da inserção do pedagogo nos processos educativos realizados nas empresas.

Essa temática assume grande importância e merece especial atenção, pois se entende que a sociedade contemporânea passa por uma crise de significados e mudanças de paradigmas. Nos últimos séculos, percebe-se que a cultura humana passou a ter, como principal direcionamento, a produtividade: criar produtos cada vez mais sofisticados, e trabalhar para produzir objetos ou saberes, com insignificante preocupação pela escassez dos recursos naturais, ou com a degradação do ambiente. Influenciado pelo paradigma da modernidade, o progresso da ciência baseia-se no progresso do que a humanidade produz. Sociedades inteiras vivenciam rotinas exaustivas, geradoras de inúmeras situações problemas

¹ A partir deste ponto será utilizada EA para designar Educação Ambiental, a fim de facilitar a leitura.

como: violência, desemprego, degradação ambiental, falta de qualidade de vida, todas causadoras da crise contemporânea. Enquanto a era Moderna preocupava-se em remediar situações, e formatar, através de modelos, maneiras de se educar, trabalhar e até viver, onde todas as explicações eram buscadas na razão, e a racionalidade era a fonte de certeza, a era Pós-moderna busca prevenir situações. Nesta era, não existem mais verdades absolutas e tudo passa a ser questionado e relativo. A era Pós-moderna se caracteriza, portanto, por uma transição paradigmática, e é essa transição que concretiza a atual crise social que se vivencia.

Diante desse quadro de crise, este trabalho pretende abordar a necessidade de implementação da EA nos ambientes empresariais, como forma de colaborar com o desenvolvimento de posturas pró-ativas que favoreçam o estabelecimento de uma sociedade sustentável, e que levem em conta o ambiente em que vivemos.

Cabe salientar que a autora do presente trabalho desenvolve projeto de EA, de forma voluntária e independente, desde 1993, e ao ingressar no curso de Pedagogia Empresarial, interessou-se pelas questões pedagógicas implícitas nos ambientes empresariais, principalmente nas ações de EA, sendo este um dos principais motivos para a escolha da temática abordada.

Busca-se, portanto, conhecer como as empresas estão desenvolvendo as ações de EA. Para isso, investiga-se esse universo de ação educacional, que é dimensionado a partir dos dados obtidos em pesquisa bibliográfica sobre o assunto.

O presente trabalho aborda, também, aspectos relevantes que configuram a EA e sua legitimidade: aspectos legais, históricos e metodológicos que retratam a urgência de sua implementação nos ambientes sociais, e, especificamente, nas empresas, buscando o embasamento em autores como Moacir Gadotti, Vilmar Berna, Mauro Grün, Mauro Guimarães, Naná Medina Mininni, Enio Viterbo Junior, Marcio Jardim Motta, Luiz Antônio Abdalla de Moura, José Lindomar Alves Lima, e outros mais.

Conforme a Lei 9795 (Anexo I), a EA deve ser promovida em todos os espaços da ação humana: escolas, empresas, igrejas e demais instituições que envolvam trabalhos em grupo. O Art. 2º aponta que a educação ambiental deve estar presente em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal. Sendo a EA, portanto, prática necessária e obrigatória por tratar-se de uma exigência legal, é importante e fundamental que se disponibilizem instrumentos que possam servir de referencial para a implementação da EA, que é, hoje, uma ferramenta indispensável para a implantação de Sistemas de Gestão Ambiental (SGA) nos ambientes empresariais. Neste trabalho, apresenta-se a necessidade de existir um agente que possa dar conta dos suportes teóricos, metodológicos e pedagógicos, que viabilizem a implementação do SGA, através da EA, nos ambientes empresariais.

O foco deste trabalho, portanto, está voltado para a inserção da EA nas empresas, e trata do relevante papel a ser exercido pelo pedagogo empresarial, nesse contexto.

Ao abordar a EA nos espaços empresariais, procura-se enfatizar e destacar os aspectos históricos que legitimam a EA como prática necessária em todos os ambientes, e cujo conteúdo deve ser compreendido pelas empresas, para que procedam às necessárias adaptações em suas relações de produção, de comercialização, e nas relações sócio-ambientais que por elas são estabelecidas.

A abordagem parte de um levantamento bibliográfico sobre os diferentes aspectos da EA, e sua relação com os ambientes empresariais. Procura-se conhecer, através de pesquisa exploratória, utilizando o recurso da Internet, detalhes de como as empresas vêm desenvolvendo a EA. A investigação busca retratar essa prática realizada em empresas com certificação ISO 14000². A análise dos dados obtidos na investigação será um importante indicativo para configurar a necessidade da existência de um agente mediador de EA, que sirva como referência, orientando, e fornecendo subsídios para o desenvolvimento de práticas educativas ambientalistas no contexto empresarial.

Apresenta-se uma breve contextualização quanto ao papel específico do Pedagogo Empresarial, a fim de justificar a importância desse profissional como agente mediador das práticas de EA no contexto das empresas.

Dessa forma, a principal questão é buscar compreender se há necessidade de aprimorar o processo de implantação da EA no contexto empresarial.

² ISO 14000 – Conjunto de normas técnicas relacionadas ao Sistema de Gestão Ambiental.

Ao implementar a EA nas empresas, não somente por causa das regulamentações exigidas por normas e leis, mas, também, para envolver os indivíduos na busca de uma sociedade sustentável, estar-se-á colaborando para minimizar o quadro de degradação ambiental, ao mesmo tempo em que se desenvolverá uma aprendizagem significativa, que proporcione uma mudança de atitudes, não somente como colaborador da empresa, mas como cidadão consciente e participativo do necessário processo de mudança para o alcance de uma sociedade sustentável.

Tem-se como objetivo geral: investigar as práticas e os aspectos pedagógicos da EA nas empresas.

Têm-se como objetivos específicos:

1. Identificar as formas de inserção da EA nas práticas educativas do ambiente empresarial.
2. Elaborar um perfil delineador das ações educativas das empresas que desenvolvem a EA.
3. Destacar a necessidade da existência de um agente mediador para a implementação da EA no contexto empresarial.

A metodologia utilizada é a de pesquisa exploratória, que se caracteriza pela especulação de temáticas que tenham pouco conhecimento acumulado e sistematizado. “Por sua natureza de sondagem, não comporta hipóteses que, todavia, poderão surgir durante ou ao final da pesquisa” (VERGARA, 2000, p. 47). O tema abordado trata de um novo profissional da educação que se lança no ambiente empresarial - o pedagogo -, para levar a dimensão pedagógica aos cursos de formação continuada, treinamentos, capacitações e a todos os processos educativos implícitos no ambiente empresarial, e alia esse novo profissional a outra questão que ainda requer muito estudo e investigação que é a da inserção da EA nas empresas.

Também é uma pesquisa bibliográfica de onde se colhem dados importantes referentes a fatos históricos da EA, legalidade da EA, necessidade das práticas educacionais ambientalistas no contexto empresarial, e, avanços e principais dificuldades para a consolidação da EA como uma prática do cotidiano das empresas.

A pesquisa conta com uma coleta de dados que se realiza através de diferentes instrumentos: pesquisa exploratória, pesquisa bibliográfica, pesquisa na Internet para identificação de empresas certificadas pela ISO 14000, e questionário.

O presente trabalho não tem a pretensão de esgotar o tema, tendo em vista sua complexidade, nem apresentar receitas para a inserção da EA nos ambientes empresariais. Pretende, sim, apresentar uma profunda reflexão acerca da problemática ambiental que se vivencia, e despertar o interesse de todas as

peças, em todos os contextos, principalmente nos ambientes empresariais, para direcionarem suas ações educativas para o desenvolvimento de uma nova e necessária cultura - a cultura ambiental.

1 EDUCAÇÃO AMBIENTAL

A Educação Ambiental (EA) é, hoje, uma das temáticas mais desafiadoras e abrangentes dos atuais sistemas educacionais, não só nacionais como mundiais, tendo em vista a sua importância frente à problemática ambiental global e local, que exige da humanidade uma nova postura em relação ao seu modo de ser, ver, viver e relacionar-se entre si e com o ambiente do qual faz parte, para que melhorem as condições de vida das presentes e futuras gerações.

Em relação ao sistema educacional brasileiro, Schinke (1986 p.153) aponta que:

[...] entre os vários aspectos negativos da atual educação ministrada no Brasil, ressalta o fato de ela não desenvolver no estudante os esquemas mentais que estabelecem a relação dialética das diferentes áreas de estudos entre si e também destas com a realidade social em que vivemos. O estudo da ecologia, enquanto 'ciência pura', de quase nada adianta se não relacionada com os demais campos da ciência, porque ela não leva necessariamente a uma visão globalizante, dinâmica e sistêmica das coisas, isto é, a uma visão 'eco-política'.

Já em 1986, portanto, o autor sentia a necessidade de uma educação que levasse em conta a visão globalizante que a EA tenta acrescentar aos processos educativos. Mais de 10 anos depois, a EA transforma-se em lei.

Em 27 de abril de 1999 é regulamentada a Lei nº 9.795 (Anexo I), que institui a Política Nacional de EA. Em seu bojo, a lei propõe a interdisciplinaridade e torna a EA uma prática obrigatória em todos os níveis de ensino do Brasil. Já em 1988, era exigência constitucional a ser garantida pelo governo, nas suas três esferas, a federal, a estadual e a municipal, como consta no artigo 225, Parágrafo 1º., Capítulo VI, embora não garantindo uma orientação que possibilitasse e viabilizasse a EA. São, assim, necessários enorme esforço e criatividade por parte das escolas, instituições e grupos sociais para efetivarem propostas de EA adequadas a cada realidade.

Eventos internacionais importantes, destacados pela Coordenação Geral de Educação Ambiental – COEA (MEC – PRONEA, 2004), como a Conferência de Estocolmo, em 1972, o Congresso de Belgrado, em 1975, a Conferência de Tbilisi, em 1977, a Conferência sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, mais conhecida por Rio-92 (ou Eco-92), e que resultou na criação da Agenda 21 e no importante Tratado de EA para Sociedades Sustentáveis (Anexo II), e a Conferência Internacional de Thessaloniki, em 1997, entre outros, revelam uma preocupação mundial em relação à EA.

Determinações importantes que resultaram dessas conferências servem de referencial para o desenvolvimento e efetivação da prática educacional ambientalista, nos ambientes institucionais (escolas, empresas, ONG's, igrejas).

1.1 O SURGIMENTO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Foi a partir da década de 50 que surgiram os primeiros movimentos que evidenciaram uma preocupação com o meio ambiente, sendo que, em 1947, é fundada a UICN - União Internacional para a Conservação da Natureza, na Suíça, segundo Mininni (2004).

Desde então, conforme Guimarães (2000), começaram a ocorrer manifestações para o desenvolvimento de uma consciência ambiental mundial. Em 1968, foi criado o Clube de Roma, que reuniu cerca de trinta (30) indivíduos, representantes de 10 países. Esses indivíduos discutiam assuntos ambientais emergentes, na época, na tentativa de buscarem uma solução para a crise ambiental que vivenciavam, evidenciando uma forte preocupação com o futuro da humanidade. Ainda conforme Guimarães (2000), após 4 anos da criação do Clube de Roma, foi realizada a Conferência das Nações Unidas para Defesa do Meio Ambiente Humano, no dia 05 de junho de 1972 (data que hoje corresponde ao Dia Mundial do Meio Ambiente e da Ecologia), em Estocolmo, na Suécia. Nesse importante evento, foram debatidos temas relevantes relacionados à destruição do meio ambiente, por diversos países.

Segundo Mininni (2004), a Educação Ambiental começa a tomar corpo a partir da Conferência de Belgrado, promovida pela UNESCO, em 1975, na Iugoslávia. Nesse encontro, foram formulados os princípios e orientações para o desenvolvimento de um programa de Educação Ambiental.

Aos poucos, portanto, a EA começa a se fortalecer, até ganhar maior importância em 1977, com a Conferência de Tbilisi, ocorrida na Geórgia (ex-URSS) que, para Guimarães (2000), apresenta importantes recomendações para o desenvolvimento da EA, em âmbito regional, nacional e internacional. Em 1992, ainda conforme Guimarães (2000), ocorreu a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento, mais conhecida como Eco-92, no Rio de Janeiro. Desse encontro, nasce a Agenda 21, que é um programa de ação para a implementação dos princípios proclamados pela A Carta da Terra, formulada no Fórum Global (evento paralelo à Eco-92, também conhecida como Rio 92) que reuniu milhares de ONG's.

Esses foram os principais acontecimentos mundiais relacionados ao meio ambiente que impulsionaram inúmeras ações ambientalistas, e que serviram de mola propulsora para o nascimento de uma nova maneira de educar.

1.2 A LEGITIMIDADE E A CONCEPÇÃO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

A formulação da Lei nº. 9795 (BRASIL, 1999), sancionada pelo presidente Fernando Henrique Cardoso, em 27 de abril de 1999, consolida a EA como prática obrigatória e interdisciplinar em todos os espaços educacionais.

A legislação ambiental brasileira, uma das mais avançadas do mundo, serve de suporte para a obrigatoriedade de uma “produção limpa³”, que não prejudique o meio ambiente, mas não dá conta do desenvolvimento de posturas pessoais conscientes.

Para contextualizar o conceito de EA, entende-se que se trata de uma prática educacional sintonizada com a vida em sociedade, que deve ser inserida sob diversos enfoques: social, econômico, político, cultural, artístico, etc., não podendo ser considerada como uma prática estanque, uma vez que abrange diversas áreas, confirmando sua interdisciplinaridade. Segundo a Conferência de Tbilisi (1977), conforme Anexo III,

a educação ambiental é o resultado de uma orientação e articulação de diversas disciplinas e experiências educativas que facilitam a percepção integrada do meio ambiente, tornando possível uma ação mais racional e capaz de responder às necessidades sociais.

EA trata-se, portanto, de um processo transformador e conscientizador que vai interferir, de forma direta, nos hábitos e atitudes dos cidadãos. A primeira recomendação da Conferência de Tbilisi (1977) aponta que

ainda que seja óbvio que os aspectos biológicos e físicos constituem a base natural do meio humano, as dimensões socioculturais e econômicas, e os valores éticos definem, por sua parte, as orientações e os instrumentos com os quais o homem poderá compreender e utilizar melhor os recursos da natureza com o objetivo de satisfazer as suas necessidades.

³ “Os sistemas de Produção Limpa são *circulares* e usam menor número de materiais, menos água e energia. Os recursos fluem pelo ciclo de produção e consumo em ritmo mais lento”, conforme documento disponível em http://www.greenpeace.org.br/toxicos/pdf/producao_limpa.doc

Os humanos necessitam do meio para a sobrevivência e, para isso, utilizam os recursos naturais. Sua postura atual, porém, tem levado à degradação do ambiente de uma forma desenfreada. Nessa mesma medida, aumentam a miséria, a fome, o desemprego, a degradação do ambiente.

Os seres humanos sofrem as conseqüências de suas próprias descobertas mal planejadas, portanto, mal aplicadas. Muitos vivem em condições miseráveis. O sofrimento maior encontra-se nas favelas rodeadas de lixo, situadas em lugares perigosos (em morros e às margens de rios e arroios poluídos) [...] Um meio poluído e devastado não pode proporcionar condições de vida favoráveis. A melhoria da qualidade de vida, principalmente da população de baixa renda, depende da EA para reverter o processo de caos e sofrimento em que se encontra. Na verdade, a EA tem um papel muito mais abrangente do que se pensa. (ADAMS, 1997 p. 15).

Outra recomendação da conferência de Tbilisi (1977) destaca que a

educação ambiental deveria suscitar uma vinculação mais estreita entre os processos educativos e a realidade, estruturando suas atividades em torno dos problemas concretos que se impõem à comunidade; enfatizar a análise de tais problemas, através de uma perspectiva interdisciplinar e globalizadora, que permita uma compreensão adequada dos problemas ambientais.

Têm-se prognósticos que assustam quanto ao atual quadro ambiental. Conforme Adams (1997), se tudo continuar como está, o quadro para um futuro próximo é preocupante. A autora aponta que, segundo o Programa Ambiental da ONU, cerca de 1,5 quilômetros de floresta tropical é destruída a cada 6 minutos. Uma área do tamanho da Áustria é desmatada a cada ano, uma árvore é plantada para cada dez que são derrubadas. Nesse ritmo acelerado, toda floresta tropical será destruída até o ano 2035. Outro dado alarmante, apontado por Adams (1997, p.19), é que

atualmente existem cerca de 500 milhões de automóveis em todo o mundo. Cada um destes automóveis consome, em média, 8 litros de combustível por dia e estima-se que por volta do ano 2025 haverá quatro vezes mais automóveis do que hoje.

A preocupação com o meio ambiente foi impulsionada por importantes reflexões de movimentos sociais e de movimentos ambientalistas, principalmente pelos ecologistas, que muito contribuíram para o nascimento da EA.

Ferry (1993) propõe uma reflexão para além da unanimidade em torno da defesa do ambiente. Segundo ele, a ecologia é um tema cujo conceito tem interpretações diferenciadas: para uns trata-se, apenas, de uma visão política, e, para outros, de uma ciência propriamente dita.

Ainda conforme relata Ferry (1993), os movimentos ecológicos distinguem-se por três características: movimentos reformistas (1), movimentos intermediários (2) e movimentos revolucionários (3) que se defrontam, cada qual com sua ótica específica.

1 - Para os que fazem parte do grupo dos reformistas, parte-se da noção de que, cuidando e protegendo o ambiente, o ser humano poderá salvar a sua espécie. O ambiente em si não tem valor algum e, se for destruído, comprometerá o bem-estar da humanidade. Este grupo apresenta um discurso antropocêntrico e "*humanista*", onde o meio ambiente é apenas a periferia que envolve o *Homo sapiens* - o centro de tudo.

2 - Já os que fazem parte do grupo dos intermediários se fundamentam no princípio de que não se deve somente lutar pelos direitos dos homens, mas também dos animais, seres que são suscetíveis de sentir dor e prazer. A visão antropocêntrica já começa a ser questionada e combatida.

3 - Para o terceiro grupo inclui-se uma preocupação que vai além daquela que os outros dois grupos abraçam, quando reivindica direitos também para plantas e pedras. Essa ecologia, mais radical, e também conhecida como "*Deep Ecology*", não considera o valor humano como centro do mundo, e dilui seu poder nas intrincadas teias de vida dos diversos ecossistemas, onde a natureza deixa de ser apenas um palco e passa a ter valor moral, jurídico e estético.

Da mesma forma que os movimentos ecológicos distinguem-se por características específicas, também a EA enfrenta discordâncias frente aos conceitos e valores tratados pelas diferentes correntes dos educadores.

1.3 A EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA PROMOVER MUDANÇAS DE ATITUDES

Para compreender a EA ou a falta dela, há que se discutir e refletir sobre os valores éticos que circundam o processo civilizatório que nos tornou o que somos hoje.

Para Berna (1994, p. 12), a cada dia que passa, torna-se mais urgente uma mudança de hábitos e atitudes antropocêntricas em relação ao ambiente. Ele aponta

que “no universo não existe uma espécie mais especial ou importante que outras, já que, por mais maravilhosa que seja, não conseguiria sobreviver sozinha”. É importante destacar esse aspecto, tendo em vista que o ser humano se percebe maior ou mais poderoso frente aos outros seres com quem compartilha a vida.

É por falta da consciência de interdependência e integração que o ser humano atingiu um estágio de distanciamento da essência da própria vida, gerando um universo urbano que o escraviza, percebendo isso ou não. Interiorizando a idéia de que todos os seres têm uma importância vital dentro do ecossistema global, o humano perceberia que:

a noção do eu, de individualidade humana, não passa de uma ilusão de nossa mente que pode ser muito útil para nos identificar socialmente, mas que não tem nenhuma importância para a natureza, pois não somos algo fora dela, separados da Criação ou de Deus. Somos parte integrante de tudo isto. (BERNA, 1994, p.19).

Há uma tendência de nos percebermos, de nos colocarmos fora do meio ambiente, e também de que ambiente é aquilo que está ao nosso redor, sem, contudo, nos darmos conta de que ele nos perpassa, de que somos uma parte dele. Há uma outra tendência que é a da fragmentação das coisas de um modo geral – conforme o paradigma cartesiano. Esse posicionamento nos distancia da idéia do nativo norte-americano Cacique Seattle, que Berna (1993, p.14) cita: “a vida é uma enorme teia”. Cada espécie de vida faz parte do contexto global.

Entende-se que a vida, de uma forma geral, deteriora-se, gradativamente, através, e por causa das ações humanas. Portanto, esse comportamento, motivado

pela busca de conforto e bem estar, determinado por um pensar humanista e capitalista, compromete a sobrevivência e a qualidade de vida das atuais e futuras gerações de todas as espécies.

Segundo Leff (2001, p. 22) “o problema ambiental surge nas últimas décadas do século XX como o sinal mais eloqüente da crise da racionalidade econômica que conduziu o processo de modernização”. Sendo assim, entende-se que o processo de modernização torna-se o grande vilão do meio ambiente, devido a sua visão utilitarista dos recursos naturais.

Berna (1994, p. 31) destaca:

nossa visão utilitarista considera o planeta como um armazém de recursos para o “desenvolvimento”, e os povos nativos e indígenas como “atrasados”. O progresso, para nós, “civilizados”, é basicamente produzir para consumir e criar para produzir.

Infelizmente, todo processo civilizatório acabou resultando em sociedades mecanizadas, como se o único objetivo de seu viver fosse o de trabalhar para produzir objetos ou saberes. Os indivíduos passaram a ser uma “peça de engrenagem”, que só tem valor se estiver em perfeitas condições para produzir. Aqueles que não se engrenam nesse processo são simplesmente descartados, excluídos, marginalizados. “O desafio agora é encontrar uma nova ética para nossa relação com a natureza, da qual não somos mais os usufrutuários, mas partes integrantes” (BERNA, 1994, p. 58), que possibilite uma efetiva mudança para a melhoria da qualidade de vida de todo o planeta. Este é o maior desafio da

humanidade: reaprender a viver, não só para que possa perpetuar sua espécie, mas também para ser digno de viver no mais vivo dos planetas.

Muitos são os que têm consciência da necessária mudança de postura e atitudes, tanto pessoais como globais, porém, sentem-se acorrentados aos paradigmas “*impostos*” pela sociedade consumista que se generaliza na humanidade. Por outro lado, há os que se mantêm alienados a todas essas questões, achando-as puramente românticas e ilusórias, assumindo uma postura de descaso, gerada, talvez, pelo próprio medo do enfrentamento da questão. Segundo Leff (2001, p. 56-57),

A problemática ambiental abriu um processo de transformação do conhecimento, expondo a necessidade de gerar um método para pensar de forma integrada e multivalente os problemas globais e complexos, assim como a articulação de processos de diferente ordem de materialidade. Deste modo, o conceito de ambiente penetra nas esferas da consciência e do conhecimento, no campo da ação política e na construção de uma nova economia, inscrevendo-se nas grandes mudanças do nosso tempo.

O modelo de desenvolvimento de uma nação deve ter presente a conservação do meio ambiente, e, infelizmente, isso não está implícito nas políticas institucionais, tanto públicas como privadas, dos espaços das ações humanas.

Não resta dúvida de que esta concepção do desenvolvimento coloca em cheque o *consumismo* do modo de produção capitalista, principal responsável pela degradação do meio ambiente e pelo esgotamento dos recursos materiais do planeta. Esse *modelo de desenvolvimento*, baseado no lucro e na exclusão social, não só distancia cada vez mais ricos e pobres, países desenvolvidos e subdesenvolvidos, globalizadores e globalizados. Na era da globalização, o capitalismo está criando, em escala mundial, um ambiente favorável ao surgimento de alternativas políticas regressivas e antidemocráticas que se aproximam do fascismo. Ele 'não nos traz apenas o produto, traz-nos formas de organização social que destroem a nossa capacidade de utilizá-lo adequadamente. (...) Enquanto aumenta o volume de brinquedos tecnológicos nas lojas, escasseiam o rio limpo para nadar ou pescar, o quintal com as suas árvores, o ar limpo, água limpa, a rua para brincar ou passear, a fruta comida sem medo de química, o tempo disponível, os espaços de socialização informal. O capitalismo tem necessidade de substituir felicidades gratuitas por felicidades vendidas e compradas' (Ladislau Dowbor in Freire, 1995: 12-13, apud GADOTTI, 2000, p. 64 - 65).

Dentro desse contexto, encontra-se a humanidade no limiar de uma autotransformação, não só necessária, mas imprescindível para frear e alterar o ritmo de vida avassaladoramente predatório.

1.4 A ECOPEGADOGIA

Um importante movimento surgiu recentemente, intitulado de Ecopedagogia, salientado por Gadotti (2000), e muito tem contribuído para ampliar a reflexão acerca da importância da mudança de postura dos seres humanos para com o meio ambiente, subsidiando a EA:

A ecopedagogia implica uma reorganização dos currículos para que incorporem certos princípios defendidos por ela. Esses princípios deveriam, por exemplo, orientar a concepção dos conteúdos e a elaboração de livros didáticos. Piaget nos ensinou que os currículos devem complementar o que é significativo para o aluno. Sabemos que isto é correto, mas incompleto. Os conteúdos curriculares têm de ser significativos para o aluno, e só serão significativos para ele se esses conteúdos forem significativos também para a saúde do planeta, para o contexto mais amplo. (GADOTTI, 2000, p. 92).

O conceito de ecopedagogia amplia a dimensão da EA. Para Gadotti (2000), “[...] a ecopedagogia não é uma *pedagogia escolar*. Ela não se dirige apenas aos educadores, mas aos habitantes da Terra em geral” (p.93). Pode-se entender, então, que o movimento da ecopedagogia ultrapassa os muros escolares. As empresas precisam abrir suas portas para a inserção da EA tendo em vista serem um espaço de produção, que promove o consumo e, conseqüentemente, a produção de resíduos.

Entende-se que, a partir da consolidação da EA, poderá ser possível proporcionar as necessárias mudanças de atitudes, e o movimento da ecopedagogia chega para dar um suporte fundamental, pois vai além do campo educacional, alcançando uma visão filosófica, humana, complexa, que pretende sensibilizar o ser humano para essa necessária e urgente mudança de paradigma.

A ecopedagogia como movimento social e político surge no seio da sociedade civil, nas organizações, tanto de educadores quanto de ecologistas e de trabalhadores e empresários, preocupados com o meio ambiente. A sociedade civil vem assumindo a sua cota de responsabilidade diante da degradação do meio ambiente, percebendo que apenas através de uma *ação integrada* é que essa degradação pode ser combatida. (GADOTTI, 2000, p. 91).

De pouco adianta a escola estar preocupada com o desenvolvimento de uma consciência ambientalista se, ao saírem do ambiente educacional, as crianças percebem a contradição existente no paradoxo atual que é o alto incentivo ao consumo. Acredita-se que empresas devem buscar metas que levem em conta a finitude dos recursos naturais, e mensurar os danos causados ao ambiente a partir daquilo que é, por ela, produzido.

1.5 A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O SISTEMA DE GESTÃO AMBIENTAL

A EA torna-se uma prática que deve estar inserida, em seu amplo contexto, nos ambientes empresariais, principalmente pela implantação do Sistema de Gestão Ambiental (SGA), exigido pelas normas de Certificação ISO 14000.

É na década de 90 que surgem, quase simultaneamente ao conceito de desenvolvimento sustentável, as normas de gestão ambiental (BS 7750 e ISO série 14000). Nesta época inicia-se a busca por padrões normativos que possibilitem às empresas e indústrias gerenciar, de forma sistematizada, ações ambientais que possibilitem não só um melhor desempenho consciente com posturas ambientalmente adequadas das empresas, como também otimizar as suas relações com as diversas partes interessadas (LIMA e SERRÃO, 1999, s.p).

A norma, segundo Moura (2000, p.57),

é um documento de caráter privado, elaborado voluntariamente por alguma entidade credenciada, apresentando requisitos resultantes de um consenso entre as opiniões técnicas dos diferentes especialistas participantes do grupo encarregado de sua elaboração, representantes de diferentes entidades que têm interesse naquela norma. Esses representantes discutiram e votaram o conteúdo da norma, na verdade uma especificação técnica sobre um assunto específico. A aplicação ou adoção da norma por uma determinada entidade ou empresa é totalmente voluntária.

Muitas grandes empresas que se preocupam em alcançar e conservar a liderança no mercado, buscam atender às normas, principalmente para manter uma boa imagem da empresa. A série de normas da ISO 9000 está relacionada a programas de Gestão da Qualidade. Já a série de normas da ISO 14000 relaciona-se ao Sistema de Gestão Ambiental. Sobre as normas ambientais, Moura (2000, p. 54) indica que:

A primeira das normas da série é a ISO 14001, que fixa as especificações para a certificação e avaliação de um sistema de gestão ambiental de uma organização [...] Essa norma foi editada em caráter experimental em 1992, passou dois anos sendo avaliada pelas empresas [...] e teve a sua edição definitiva publicada em 1994.

A partir da publicação definitiva da ISO 14000, em 1994, muitas empresas passaram a dar maior atenção às questões ambientais, e começaram a implementar ações visando a desenvolver um Sistema de Gestão Ambiental, a fim de se qualificarem para o recebimento da Certificação ISO 14000. Para Moura (2000):

A norma ISO 14000 enfatiza o papel-chave a ser desempenhado pela alta administração na conscientização e motivação dos empregados, mostrando o seu comprometimento com a política ambiental e a importância de um bom desempenho ambiental para a empresa, de modo a que o sistema de gestão ambiental não fique somente no papel, mas se transforme em realidade (p.118).

Sistema de Gestão Ambiental, em síntese, “significa disponibilizar recursos humanos, físicos e financeiros para que a política, os objetivos e as metas ambientais da organização possam ser viabilizados” segundo artigo publicado no portal virtual da Internet - Ambiente Brasil.

Para implantar um Sistema de Gestão Ambiental, faz-se necessário um remodelamento na estrutura organizacional da empresa, que vai desde a sua forma de produção, passando pela manutenção e diminuição dos resíduos por ela produzidos, pela conscientização de todos os envolvidos na empresa, pela análise dos impactos ambientais por ela causados, também pela utilização racional dos recursos naturais, além de, pelos demais segmentos que a compõem. Para Viterbo Júnior (1998, p. 51),

Gestão ambiental nada mais é do que a forma como uma organização administra as relações entre suas atividades e o meio ambiente que as abriga, observadas as expectativas das partes interessadas [...]. Entretanto, o foco da gestão ambiental é a empresa e não o meio ambiente. Somente através de melhorias em produtos, processos e serviços serão obtidas reduções nos impactos ambientais por eles causados.

Conforme artigo publicado no portal virtual da Internet - Ambiente Brasil,

a gestão ambiental empresarial está essencialmente voltada para organizações, ou seja, companhias, corporações, firmas, empresas ou instituições e pode ser definida como sendo um conjunto de políticas, programas e práticas administrativas e operacionais que levam em conta a saúde e a segurança das pessoas e a proteção do meio ambiente através da eliminação ou minimização de impactos e danos ambientais decorrentes do planejamento, implantação, operação, ampliação, realocação ou desativação de empreendimentos ou atividades, incluindo-se todas as fases do ciclo de vida de um produto [...] O objetivo maior da gestão ambiental deve ser a busca permanente de melhoria da qualidade ambiental dos serviços, produtos e ambiente de trabalho de qualquer organização pública ou privada (s.p.).

A finalidade básica da Gestão Ambiental, conforme esse artigo, é “servir de instrumento de gestão com vistas a obter ou assegurar a economia e o uso racional de matérias-primas e insumos, destacando-se a responsabilidade ambiental da empresa”.

Para a implementação de um SGA faz-se necessário articular ações educativas em todos os diferentes setores existentes nas empresas. Assim,

A responsabilidade ambiental é disseminada a cada setor, seja da área operacional, administração, compras, projetos, serviços gerais etc. Quando todos passam a enxergar as questões ambientais sob a mesma ótica, soluções criativas começam a surgir de toda a empresa, explorando-se oportunidades de aproveitamento de rejeitos, substituição de insumos, eliminação de perdas nos processos, reciclagem, redução do consumo de energia, redução da geração de resíduos, mudanças tecnológicas etc. Somente a prevenção da poluição pode representar redução de custos (MOREIRA, 2001, s.p.).

O mercado competitivo exige das empresas maior qualidade em todos os aspectos relacionados a atendimento, produção ou prestação de serviço, responsabilidade social, etc. Uma ferramenta importante para dar destaque às empresas é o recebimento dos certificados ISO, sinalizadores de que a empresa está, realmente, preocupada com a qualidade global:

É cada vez maior o número de empresas detentoras do certificado ISO 9000 que incorporam ao Sistema de Gestão Ambiental (ISO 14001) e também o Sistema de Segurança e Saúde Ocupacional (OHSAS-18001), resultando em um único sistema de gestão, que busca otimizar os procedimentos, controles e recursos necessários ao gerenciamento de cada um desses temas (MOREIRA, 2001, s.p.).

Para a otimização dos procedimentos voltados à implementação do SGA, precisa-se incluir um sistema voltado para a capacitação e/ou formação continuada para que, dessa forma, se possam alcançar as necessárias mudanças de atitudes por parte dos integrantes das empresas. Não basta investir em recursos tecnológicos, pois,

Apesar dos avanços, a gestão ambiental continua, ainda hoje, centrada, na maioria das vezes, na aquisição de equipamentos de controle ambiental, não levando em consideração aspectos importantes relacionados à cultura das pessoas (LIMA, 2005, s.p.).

Partindo desta consideração, fica claro que há uma necessidade de investir em ações educativas, diretamente relacionadas às pessoas, que promovam o desenvolvimento de uma consciência ambiental.

Para que as empresas obtenham o compromisso dos empregados com a gestão ambiental é necessário que ela disponibilize, além de recursos e equipamentos de controle ambiental, conhecimentos básicos sobre meio ambiente e gestão ambiental, auxiliando-os na identificação e controle das principais fontes geradoras de impactos ambientais da sua atividade (LIMA, 2005, s.p.).

Através de estratégias de Educação Ambiental no interior das empresas, será possível implementar um SGA com consistência e eficácia porque, segundo Motta:

Um Sistema de Gestão Ambiental bem sucedido exigirá mudanças nas atitudes, nos padrões de comportamento e na maneira de pensar por parte de todos os empregados. Para se obter este compromisso com a gestão ambiental é necessário que: a) Os empregados tomem consciência das questões ambientais que a empresa está enfrentando e de que forma suas ações poderão influenciar o desempenho ambiental da empresa; b) Os gerentes estejam conscientes da importância de um bom controle e de uma boa gestão ambiental; c) Os gerentes e os empregados com responsabilidades ambientais tenham um conhecimento técnico detalhado para assegurar o atendimento às normas e exigências comerciais e legais (MOTTA, 2005, s.p.).

Percebe-se a importância de um processo educativo que inclui a EA nas empresas, pois ela possibilitará a reflexão para promover mudanças de atitudes em todos os componentes da instituição.

[...] Um Programa de Educação Ambiental tem que ser um conjunto de atividades sistematizadas e com a participação ativa dos diversos setores da empresa e que auxiliem na elaboração de indicadores ambientais e operacionais que demonstrem não só os benefícios de um Programa de Educação Ambiental como também do próprio Sistema de Gestão Ambiental. Somente deste jeito teremos a educação ambiental realmente como uma ferramenta fundamental do Sistema de Gestão Ambiental e não como um programa isolado de causa nobre, mas distanciado da realidade operacional e ambiental da empresa e sempre passível de ser o primeiro item a ser cortado em revisões de orçamento (MOTTA, 2000, s.p.).

1.6 O PEDAGOGO EMPRESARIAL E A IMPLANTAÇÃO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NAS EMPRESAS

A Pedagogia volta-se para os ambientes de trabalho, visando minimizar dificuldades e/ou suprir lacunas existentes nos processos educativos empresariais e, dessa forma, o pedagogo empresarial tem o papel de mediar situações das práticas educacionais empresariais. Como agente mediador, o pedagogo precisa ter conhecimento a respeito das mutações que envolvem o universo do trabalho: profissões que surgem, profissões que se extinguem, novos modos de produção com permanente inserção de novas tecnologias, entre outros aspectos que caracterizam as atuais mudanças no mundo do trabalho. Conforme Ribeiro (2004, p. 9),

A Pedagogia na Empresa caracteriza-se como uma das possibilidades de atuação/formação do pedagogo bastante recente, especialmente no Brasil. Tem seu surgimento vinculado à idéia da necessidade de formação e/ou preparação dos Recursos Humanos nas empresas [...] Essa preocupação surge como uma demanda, ao mesmo tempo, interna e externa por melhor desempenho e formação profissional [...]

A era Pós-industrial trouxe significativas mudanças no mundo do trabalho. As máquinas substituem a mão-de-obra, cabendo aos humanos a incumbência de criar e ter idéias. Surge uma nova sociedade caracterizada pelo aumento das comunicações, pelo surgimento de novas tecnologias e pelas mudanças no cenário econômico. Assim, entende-se que o investimento no capital humano é o que possibilita o avanço de um empreendimento. A Sociedade do Conhecimento exige

uma postura de ensinar a pensar criticamente, não só em espaços de educação formal como também nas empresas.

Para Libâneo (2002, p. 66), os pedagogos [...] “precisam concentrar esforços em propostas de intervenção pedagógicas nas várias esferas do educativo para enfrentamento dos desafios colocados pelas novas realidades do mundo contemporâneo”.

Diante desse processo evolutivo social, conseqüentemente, as profissões se transformam, bem como o perfil dos profissionais que devem desenvolver uma multiplicidade de competências. Esse novo perfil delinea-se por determinadas características: saber diferentes línguas, ter domínio das novas tecnologias, atuar em diversas áreas, estar sempre bem informado, ter capacidade de inovação, ser crítico, criativo, flexível, entre outras.

Essas características exigem que os profissionais estejam em permanente processo educativo para que possam dar conta de um universo social de rápidas transformações. Portanto, o mundo do trabalho, atualmente exige, de todos, em todas as instâncias, um comportamento pró-ativo, que significa estar sempre atento para antecipar ações necessárias, em todas as áreas. Por isto, é condição básica dos processos de educação, proporcionar ambientes de aprendizagens que possibilitem o fortalecimento dos sujeitos, oferecendo condições para que as pessoas desenvolvam competências para atender novas demandas.

A Pedagogia Empresarial é uma das mais recentes habilitações do curso de Pedagogia, e o pedagogo empresarial surge para mediar todas as ações educativas desenvolvidas na empresa, oferecendo suporte teórico e prático para a realização de: diagnósticos institucionais, elaboração e implementação de projetos assistenciais e sócio-educativos, elaboração de manuais e apostilas de treinamento, capacitação e formação continuada. Conforme aponta Ribeiro (2004, p. 56),

Cabe ao pedagogo empresarial auxiliar no desenvolvimento de instrumentos e capacitação quanto à observação sistemática do funcionário, à obtenção de dados e informações a respeito dos funcionários em termos de seu desempenho assim como da proposição de medidas com vistas a corrigir os desvios constatados.

Assim, através da bagagem teórico-prática do Pedagogo Empresarial, será possível aperfeiçoar os cursos de capacitação e processos de educação continuada instaurados nas empresas, dando ênfase na inserção da EA nesses processos. Segundo Vieira,

muitos problemas ambientais, que à primeira vista parecem complicados nas empresas, podem se tornar de simples solução, desde que haja algum investimento em educação ambiental. A educação ambiental no trabalho pode se transformar num completo programa educacional incluindo material didático-pedagógico e pode ser adotada com eficácia e ser adaptada às necessidades de qualquer organização, com simplicidade e baixo custo (VIEIRA, 2005, s.p.).

A EA, através dos seus princípios bem definidos em conferências, congressos, tanto nacionais como internacionais, busca justamente, um novo direcionamento para a educação, que ocorre tanto em espaços escolares como fora deles, para iniciar um processo de conscientização de toda população, incluindo o

meio ambiente como preocupação primeira para todas as ações humanas, porque, segundo Leff,

A educação ambiental fomenta novas atitudes nos sujeitos sociais, e novos critérios de tomada de decisões dos governos, guiados pelos princípios de sustentabilidade ecológica e diversidade cultural, internalizando-os na racionalidade econômica e no planejamento do desenvolvimento. Isto implica em educar para formar um pensamento crítico, criativo e prospectivo, capaz de analisar as complexas relações entre processos naturais e sociais, para atuar no ambiente com uma perspectiva global, mas diferenciada pelas diversas condições naturais e culturais que o definem (LEFF, 2001, p.256).

Apesar das diretrizes bem delineadas pelas importantes conferências relacionadas à EA, sente-se a falta de um referencial pedagógico e didático da prática da EA nas empresas.

Toda ação educativa deve proporcionar discussões e reflexões para que essa prática seja coerente, dentro de uma concepção crítica, e para que possa realmente promover as mudanças que deseja. Guimarães (2000, p. 13 e 17) destaca que:

[...] a Educação Ambiental já é uma realidade, que políticas públicas estão sendo traçadas para essa questão, sem, contudo, que esta institucionalização esteja sendo acompanhada por um devido aprofundamento crítico nas discussões por parte dos educadores e da sociedade em geral [...] Em uma concepção crítica de Educação, acredita-se que a transformação da sociedade é causa e consequência (relação dialética) da transformação de cada indivíduo, há uma reciprocidade dos processos no qual propicia a transformação de ambos. Nesta visão, educando e educador são agentes sociais que atuam no processo de transformações sociais; portanto, o ensino é teoria/prática, é práxis. Ensino que se abre para a comunidade, com seus problemas sociais ambientais, sendo, estes, conteúdos do trabalho pedagógico.

Percebe-se a necessidade urgente de uma mobilização que propicie a inclusão da EA nas diferentes esferas sociais, principalmente nos ambientes empresariais, para que seja possível estancar e reverter o quadro sócio-ambiental atual. Inúmeras são as iniciativas e práticas de EA existentes, porém, sente-se a falta de um agente articulador, que sirva de ponto de referência para a disseminação de práticas educativas ambientalistas.

A implantação da EA nas empresas, seja ela para a implantação do SGA, ou não, requer uma atenção especial aos enfoques didático-pedagógicos:

A educação ambiental no trabalho pode se transformar num completo programa educacional incluindo material didático-pedagógico e pode ser adotada com eficácia e ser adaptada às necessidades de qualquer organização, com simplicidade e baixo custo [...] A Educação Ambiental conduz os profissionais a uma mudança de comportamento e atitudes em relação ao meio ambiente interno e externo às organizações. A educação ambiental nas empresas tem um papel muito importante, porque desperta cada funcionário para a ação e a busca de soluções concretas para os problemas ambientais que ocorrem principalmente no seu dia-a-dia, no seu local de trabalho, na execução de sua tarefa, portanto onde ele tem poder de atuação para a melhoria da qualidade ambiental dele e dos colegas. Esse tipo de educação extrapola a simples aquisição de conhecimento (VIEIRA, 2005, s.p.).

Com as devidas precauções em relação aos aspectos metodológicos de inclusão da EA nas empresas, certamente essa atividade educativa será fator fundamental para o desenvolvimento de ações pró-ativas e ambientalmente conscientes, que levem em conta todos os aspectos ambientais, principalmente aqueles sobre os quais a empresa interfere. Assim,

[...] programas de Educação Ambiental, desenvolvidos em empresas, podem obter resultados concretos e positivos desde que

estejam, de fato, fundamentados teórica e metodologicamente, nos princípios e objetivos da Educação Ambiental (LIMA e SERRÃO, 1999, s.p).

Portanto, estar atento às questões didáticas e pedagógicas, bem como aos aspectos epistemológicos da EA, é fundamental para o sucesso das ações educativas implementadas nos ambientes empresariais, principalmente para a implantação da EA, e, dentro desse contexto, o Pedagogo Empresarial tem um importante papel a desempenhar.

2 A INSERÇÃO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NAS EMPRESAS

Sabe-se que a Educação Ambiental é extremamente importante e que grande parte das empresas já estão empenhadas em incluí-la em suas práticas rotineiras, independente de exigências legais e de normas exigidas pelas certificações. Optou-se pesquisar empresas portadoras da certificação ISO 14000 para delimitar o universo da pesquisa.

Basicamente,

A educação ambiental conduz os profissionais a uma mudança de comportamento e atitudes em relação ao meio ambiente interno e externo às organizações. A educação ambiental nas empresas tem um papel muito importante, porque desperta cada funcionário para a ação e a busca de soluções concretas para os problemas ambientais que ocorrem principalmente no seu dia-a-dia, no seu local de trabalho, na execução de sua tarefa, portanto onde ele tem poder de atuação para a melhoria da qualidade ambiental dele e dos colegas. Esse tipo de educação extrapola a simples aquisição de conhecimento (VIEIRA, 2005, s.p.).

Para que seja possível contribuir com o enriquecimento da EA desenvolvida nas empresas, é preciso conhecer as práticas realizadas. Para isso, optou-se por elaborar um questionário para ser respondido pelos responsáveis na implementação da EA na empresa. Com base nos dados

colhidos, perceberam-se diferentes abordagens e sistemáticas de implantação, que serão a seguir, detalhadas.

O questionário (Anexo IV) enviado, via Internet, para empresas que possuem a certificação ISO 14000, buscou dados para ilustrar como as empresas estão vencendo o desafio de implementação da EA. Procurou-se indicar, a partir dos dados obtidos, possíveis lacunas relacionadas com as questões pedagógicas e que apontem para a necessidade de determinar um agente disseminador/orientador da implementação de processos educativos que levem em conta o arcabouço teórico-prático da EA.

Através do recurso da Internet, chegou-se a uma relação de empresas portadoras do Certificado ISO 14000, relacionadas em um portal de informação ambiental: Jornal do Meio Ambiente, maior periódico nacional de informação ambiental.

A partir de um questionário enviado para 156 empresas relacionadas no periódico ambiental, buscou-se conhecer como a EA é abordada nos ambientes empresariais, enfocando:

- desde quando a empresa realiza EA;

- quem é a pessoa responsável pela Educação Ambiental quanto a: função que exerce na empresa, sua formação e o departamento de atuação;
- a periodicidade da realização das atividades educativas de EA, realizadas na empresa: se diária, semanal, quinzenal, mensal ou semestral;
- se há um planejamento específico para a EA;
- os resultados dessas ações educativas de EA, se eles são: insatisfatórios , regulares, satisfatórios ou muito satisfatórios;
- se existe material didático pedagógico que complemente a ação educativa de EA (manuais, cartilhas, *folders*, informativos);
- os aspectos positivos das práticas educativas realizadas na empresa;
- aspectos negativos das práticas educativas realizadas na empresa;
- os autores que fundamentam o trabalho de EA da empresa;

- o posicionamento pessoal frente à implementação da EA nas empresas.

Os dados obtidos através do questionário foram analisados e associados ao levantamento bibliográfico realizado. Dessa forma, chegou-se a um perfil que delinea as práticas educativas ambientalistas desenvolvidas nas empresas. A partir dessa análise e associação, propor-se-á a interação dos aspectos pedagógicos relevantes que possam estar ausentes nessas práticas, bem como apontar possíveis lacunas.

2.1 DESCOBERTAS SOBRE A PRÁTICA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NAS EMPRESAS E APONTAMENTO DE LACUNAS

2.1.1 Sobre a Participação das Empresas

A pesquisa, realizada para ilustrar como as empresas vêm desenvolvendo atividades de EA, obteve os seguintes resultados quanto à participação: das 215 empresas listadas no portal virtual do Jornal do Meio Ambiente como portadoras da certificação ISO 14000, 59 representavam filiais, e optou-se, então, por excluí-las, restando, assim, 156 empresas que foram contatadas, via e-mail, para responderem ao questionário. Das 156 empresas contatadas, 70 estavam com seus endereços eletrônicos desatualizados, totalizando 86 empresas que efetivamente receberam a mensagem contendo a proposta da pesquisa e o questionário. Das 86 empresas contatadas, 37 retornaram, perfazendo um percentual de participação de 32%. Das 37

empresas que retornaram a mensagem da pesquisa, 9 indicaram outro endereço eletrônico para contato, do qual não se obteve resposta, 5 se negaram a responder apresentando justificativas como, por exemplo, “infelizmente não é possível atender ao seu pedido”. 17 empresas responderam ao questionário.

Os dados obtidos nos questionários (Anexo IV) respondidos pelas 17 empresas revelam que as práticas de EA nas empresas certificadas pela ISO 14000 são bem diversificadas, não havendo uma generalização na sistematização de implantação da EA, conforme os dados a seguir.

Das 17 empresas, apenas 1 respondeu que não realiza atividades de EA, conseqüentemente, não respondendo às demais perguntas do questionário, sendo que essas se relacionam à prática da EA na empresa.

2.1.2 Início da Implantação da Educação Ambiental

Das 16 empresas que realizam atividades de EA, 1 empresa iniciou essa prática em 1991, 2 iniciaram em 1996, 2 em 1997, 3 iniciaram trabalhos com EA em 1999, 1 em 2000, 6 em 2001 e 1 em 2002.

Esses dados revelam que a EA passou a fazer parte das atividades de 10 empresas pesquisadas no período entre 1991 e 2000. Um dado significativo apontado pela pesquisa é a implantação da EA em 7 empresas, no período

entre 2001 e 2002. Percebe-se, nesse curto espaço de tempo, uma demanda maior na implantação da EA nas empresas.

2.1.3 Responsável pela Educação Ambiental nas Empresas

Em relação à pessoa responsável pela EA, quanto a: função que exerce na empresa, sua formação e o departamento de atuação, construiu-se a tabela que segue:

Pessoa responsável pela Educação Ambiental da empresa quanto à função que exerce, formação educacional e departamento de atuação.			
TIPO DE EMPRESA	FUNÇÃO QUE DESEMPENHA NA EMPRESA	FORMAÇÃO	DEPARTAMENTO DE ATUAÇÃO
Rede Hoteleira	Gerente de Meio Ambiente	Pós Graduação em Engenharia Ambiental	Departamento de Meio Ambiente
Farmacêutica, química e de tintas.	Supervisora de Qualidade, Saúde, Segurança e MA.	Química Industrial com Especialização em Segurança e Meio Ambiente	QSSMA - Qualidade, Saúde, Segurança e Meio Ambiente
Autopeças	Gestor do Sistema de Qualidade Ambiental	Químico	Gestão do Sistema da Qualidade Ambiental
Infraestrutura de Telecomunicações	Analista de Gestão de Processos	Administração de Empresas	Gestão de Processos
Metal-mecânica	Coordenador de Qualidade e Meio Ambiente	Economia	Planejamento
Equipamentos eletrônicos	Chefe Químico e Meio Ambiente	Engenharia	Qualidade & Meio Ambiente
Cervejaria	Gerente de Meio ambiente	Engenharia Mecânica e Pós Graduação em Engenharia Ambiental e Gestão Ambiental	Gestão Ambiental
Usina Hidrelétrica	Coordenador de Gestão Integrada (GI) e Analista de GI.	Advogado e Bióloga (2 encarregados pela EA)	Coordenadoria de Gestão Integrada e Qualidade e Meio Ambiente
Fábrica de Automóveis	Analista de Comunicações	Publicidade e Propaganda	Recursos Humanos - Comunicação
Têxtil	Diversos - RH	Administração de Empresas e Psicologia	Recursos Humanos
Confecção de roupas	Não mencionado	Não mencionado	Departamento de Qualidade
Plásticos	Especialista em EHS (Ambiente, Saúde, Segurança)	Engenheiro Químico	Departamento de EHS (Ambiente, Saúde, Segurança)
Fábrica de motocicletas	Multiplicadores Ambientais do Comitê de Gestão	Técnicos de nível de EM e ES (não especificados)	Comitê de Gestão (atuam em todos os departamentos da empresa)
Fábrica de Automóveis	Coordenadora do Sistema de Gestão Ambiental	Engenharia de Produção	SGA – Sistema de Gestão Ambiental
Produz e comercializa produtos poliméricos, polímeros.	Coordenador de EH&S	Administração de Empresas e Gestão de Meio Ambiente	Meio Ambiente, Saúde e Segurança

Em relação à função desempenhada na empresa e departamento de atuação dos responsáveis pela EA nas empresas, a pesquisa aponta que 11 deles exercem as funções de gerente, supervisor, coordenador e chefe, todas relacionadas a departamentos ligados ao Meio Ambiente da empresa; 1 é analista e 1 tem funções diversas, ambos do departamento de Recursos Humanos; 1 tem a função de multiplicador que atua em todos os setores da empresa; 1 não mencionou a função, mas indicou o Departamento de Qualidade, e 1 não respondeu a questão.

Os dados revelam que a EA fica a cargo de pessoas que exercem funções de liderança, na sua maioria, e atuam em departamento específico ligado a área da Gestão Ambiental da empresa. Um dado que chamou a atenção foi o que indicou haver, nas empresas, multiplicadores ambientais que atuam em todos os seus departamentos, porque, segundo Moreira,

quando uma empresa implanta um sistema de gestão ambiental, adquire uma visão estratégica em relação ao meio ambiente: deixa de agir em função apenas dos riscos e passa a perceber também as oportunidades. Isso somente é possível se todos compartilharem a mesma visão e estiverem motivados a contribuir. Esse é o maior diferencial (MOREIRA, 2001, s.p.).

Quanto à formação dos responsáveis pela EA nas empresas, os dados apontam que 3 são formados em Administração de Empresas, 5 são formados em Engenharia Ambiental, 2 são Químicos, 1 é Advogado e Biólogo, 1 é Economista, 1 é Publicitário, 1 é Psicólogo, 1 é Técnico de Nível de EM e ES – não especificou o curso, 1 não mencionou e 1 não respondeu.

Percebe-se, pelos dados apontados em relação à formação dos responsáveis pela EA nas empresas, que a maioria relaciona-se com as Áreas das Ciências Sociais Aplicadas e Exatas como Administração de Empresas e Engenharia, o que pode revelar a ausência de estratégias pedagógicas adequadas para a implementação da EA nas empresas, sendo que nenhum deles tem formação na Área das Ciências Humanas, especificamente na área de formação de professores, que dão conta dos processos de ensino/aprendizagem.

2.1.4 Periodicidade da Educação Ambiental

A periodicidade das atividades educativas de EA, realizadas nas empresas, varia entre diária (1), semanal (2), quinzenal (0), mensal (5) e semestral (6), sendo que 2 responderam que não têm uma periodicidade estipulada.

As periodicidades apontadas na pesquisa mostram que apenas 1 empresa realiza atividades de EA diariamente, o que se compreende ser o ideal. Das demais, 5 empresas indicam realizar a atividade mensalmente, o que aponta um avanço, porém, é significativo o dado indicador de que 6 empresas realizam atividades de EA semestralmente. Segundo recomendação da conferência de Tbilisi (1977),

“a educação ambiental deve ser concebida como um processo contínuo e que propicie aos seus beneficiários - graças a uma renovação permanente de suas orientações, métodos e

conteúdo - um saber sempre adaptado às condições variáveis do meio ambiente”.

Sendo assim, a implantação de um programa de EA sistemático pode colaborar para a realização das atividades educativas de EA com uma maior frequência, buscando chegar à periodicidade considerada ideal, com que se poderão alcançar resultados mais efetivos à empresa.

2.1.5 Planejamento da Educação Ambiental

Sobre haver um planejamento específico para as atividades de EA desenvolvidas nas empresas, 12 responderam que sim e 4 responderam que não há um planejamento para essas atividades.

Os dados apontados, que indicam a elaboração de um planejamento pela maioria das empresas pesquisadas, é satisfatório, tendo em vista a importância do planejamento para a realização de atividades educativas, pois o mesmo norteia a ação, indicando objetivos, metas, formas de aplicação, utilização de recursos didáticos, avaliação. O ideal seria a empresa elaborar um programa de EA, que, segundo Lima e Serrão (1999)

Para que se alcance o compromisso do empregado com a melhoria do desempenho ambiental é preciso, em primeiro lugar, que ele perceba a sua importância no processo produtivo, tendo acesso a conhecimentos básicos sobre meio ambiente, que o auxiliem na identificação das principais fontes geradoras de impactos ambientais do seu posto de trabalho. Para alcançar tais objetivos, a elaboração de um Programa de Educação Ambiental é uma ferramenta imprescindível para a conscientização e qualificação dos empregados, nivelando informações e conhecimentos (LIMA e SERRÃO, 1999, s.p.).

Seria enriquecedor ter acesso aos planejamentos das atividades de EA, bem como ao material de apoio (manuais e *folders*), para uma análise detalhada, porém, isto pode ficar para uma outra etapa, como forma de dar continuidade à pesquisa aqui iniciada.

2.1.6 Avaliação da Aplicação da Educação Ambiental nas Empresas

Quanto aos resultados das ações educativas de EA, eles são: insatisfatórios (0), regulares (1), satisfatórios (11) ou muito satisfatórios (3), sendo que 1 não respondeu.

A maioria das empresas pesquisadas considera os resultados das ações educativas relacionadas à EA como satisfatórias, o que indica que elas poderiam ser melhores, alcançando o nível muito satisfatório.

2.1.7 Material Didático de Educação Ambiental nas Empresas

Em relação à existência de material didático pedagógico que complementa a ação educativa de EA (manuais, cartilhas, *folders*, informativos), 15 empresas responderam que utilizam, e apenas 1 respondeu que não utiliza material complementar. Conforme recomendação da conferência de Tbilisi (1977) “os enfoques multidisciplinares ou integrados [da EA] somente se aplicam eficazmente quando se desenvolve simultaneamente o material pedagógico”. Isso significa que disponibilizar material didático para

as ações desenvolvidas favorece a compreensão de um programa de EA que integra todos os setores da empresa. É recomendado, também, pela mesma conferência,

que se formulem princípios básicos para preparar modelos de manuais e de materiais de leitura para a sua utilização em todos os níveis dos sistemas de educação formal e não-formal e que se utilizem, na maior medida possível, a documentação existente, e se aproveitem os resultados das pesquisas em educação ao elaborar materiais de baixo custo.

Percebe-se que é extremamente importante a utilização de materiais didáticos de apoio para a EA tornar-se mais significativa nos ambientes empresariais.

2.1.8 Aspectos Positivos da Educação Ambiental nas Empresas

Quanto aos aspectos positivos das práticas educativas realizadas nas empresas, os dados apontam que: ocorre a redução do consumo de insumos e o posto de coleta seletiva; conscientização dos funcionários (2) e envolvimento dos funcionários nas questões ambientais; conscientização ambiental (7); preservação ambiental; disciplina e pró-atividade; contribuição na economia de energia, aumento de sugestões na melhoria de atividades e produtos e aumento na quantidade de resíduos destinados à reciclagem; maior comprometimento dos funcionários com o Sistema de Gestão Ambiental, racionalização dos consumos de energia elétrica e água e melhoria dos resultados dos programas 3R's e coleta seletiva; melhoria da imagem da empresa (3), esperança de um meio ambiente melhor e desenvolvimento

sustentável; maior engajamento do público nos demais programas da fábrica, maior interesse em conhecer/aplicar os procedimentos ambientais e o assunto é levado ao âmbito familiar; importância das atividades de prevenção para reduzir custos e melhoria ambiental e aplicação da EA nas famílias dos funcionários em outro local; reciclagem do lixo, prêmio Expressão Ecologia com o case Secador do lodo, plantação de mudas de árvores, feita pelos próprios colaboradores; envolvimento das pessoas, fortalece os meios para atingir metas, agrega valores nas pessoas, qualifica nossos colaboradores técnicos e administrativos; contribui para o atendimento da legislação ambiental; maior integração sociedade/empresa, economia dos recursos naturais da comunidade; melhoria do clima organizacional por ministrarem palestras nas escolas dos filhos dos funcionários, maior engajamento dos funcionários como retro-alimentação dada pelos filhos e reconhecimento do grupo que ministra palestras.

Os aspectos positivos apontados indicam a grande contribuição que a EA pode oferecer às empresas. Considerando esses aspectos como um todo, as ações de EA cumprem o seu papel de desenvolver nos indivíduos uma cultura que leve em conta os aspectos ambientais, promovendo, assim, a mudanças de posturas necessárias para a preservação do meio ambiente.

2.1.9 Aspectos Negativos da Educação Ambiental nas Empresas

Quanto aos aspectos negativos das práticas educativas realizadas nas empresas, os dados apontam como dificuldades: disponibilidade de tempo;

altos custos, paradas improdutivas e falta de comprometimento; dificuldade para realização de atividades em que os funcionários tenham que se ausentar de seus postos de trabalho, pequeno número de colaboradores com disponibilidade para serem multiplicadores internos e dificuldade de integrar atividades internas com programas externos de EA; escassez de recursos, difícil mensuração e pouco interesse; liberação dos funcionários de alguns setores para participar dos eventos de EA, sobrecarga de trabalho da equipe de coordenação e restrição de verbas; avaliação de difícil retorno; conciliação das agendas de todas as áreas, dificuldade de reunir todos, mesmo administrando as agendas e onera o custo ambiental; interrupção das informações dentro das micro comunidades externas à empresa, baixo grau de escolaridade e situação sócio-econômica dos colaboradores; é necessário que a EA seja contínua, senão o sistema se deteriora com o tempo, gera desconforto, principalmente em relação à coleta seletiva, pois não há esse sistema na cidade, e desilusão de alguns colaboradores diante da falta de interesse da maioria da população para questões ambientais, sendo que, para 7 empresas não há aspectos negativos.

Os aspectos negativos apontados indicam fatores importantes que dificultam a realização da EA nas empresas. Percebe-se que há um longo caminho a ser percorrido para que essa prática seja valorizada dentro das empresas. Muitas das dificuldades apontadas revelam a falta de inclusão da EA no programa geral da empresa, pois algumas dizem considerar a “parada” para a realização dessa atividade como “improdutiva”, ou seja, parar o trabalho para realizar atividades de EA causa transtornos relacionados com o programa

de produção. Se a EA estivesse inserida nesse programa, esse dado não seria apontado. Ao indicarem altos custos para a atividade, percebe-se que a EA não está sendo privilegiada no orçamento da empresa, sendo considerada como um custo adicional, que, conseqüentemente, gera problemas no orçamento geral da empresa. Surpreende o fato de que 7 empresas apontam não haver aspectos negativos para a EA, entendidos também como dificuldades no decorrer desse processo educativo. Sabe-se que toda ação educativa, principalmente a EA que tenta se estabelecer nos ambientes empresariais, enfrenta dificuldades para sua implementação. Aliando ao dado que aponta 11 empresas com resultados considerados satisfatórios, alguns aspectos provavelmente podem e devem ser melhorados.

2.1.10 Autores que Fundamentam a Educação Ambiental nas Empresas

Sobre os autores que fundamentam o trabalho de EA da empresa, apenas uma citou a autora Mônica Simons como referência que fundamenta as atividades de EA. Das demais empresas, 2 não responderam, 10 não apontaram autores e algumas citaram como fonte de fundamentação as normas da ISO 14001, textos da ONU, IBAMA, e *sites* da Internet.

A falta de apontamento de autores referência de EA indica uma ausência significativa da compreensão teórica da EA, o que vem a representar uma lacuna encontrada pela pesquisa. Sabe-se que toda prática educativa deve estar bem fundamentada teoricamente para que alcance sucesso. Sobre

esse aspecto, a conferência de Tbilisi (1977) recomenda que efetuem pesquisas sobre:

as metas e os objetivos da educação ambiental;

as estruturas epistemológicas e institucionais que influem nas necessidades ambientais;

os conhecimentos e atitudes dos indivíduos, com o objetivo de precisar as condições pedagógicas mais eficazes, os tipos de ações que os docentes devem desenvolver e os processos de assimilação do conhecimento por parte dos educandos, bem como os obstáculos que se opõem às modificações dos conceitos, valores e atitudes das pessoas e que são inerentes ao comportamento ambiental.

A base teórica para fundamentar as atividades de EA na empresa é de fundamental importância para que se possa alcançar uma aprendizagem consciente e significativa. As fontes apontadas nos dados da pesquisa, que fundamentam os trabalhos de EA nas empresas, são insatisfatórias, do ponto de vista didático-pedagógico.

2.1.11 O que Pensam os Responsáveis pela Educação Ambiental nas Empresas

Quanto ao posicionamento pessoal frente à implementação da EA nas empresas, as respostas (em itálico) foram:

Acredito que a educação ambiental é a base para se ter um sistema de gestão ambiental eficiente. Essa declaração representa uma compreensão clara de que, para a implantação de um Sistema de Gestão Ambiental, a EA é fundamental. Outros posicionamentos se seguem: É absolutamente necessário que estas atividades aconteçam. Um sistema de gestão ambiental só é efetivo, se contar com um trabalho de EA estruturado e contínuo. Tem que ser capaz de se adaptar as novas tecnologias, mudança de pessoas, recursos, etc [...] É fundamental implementar a educação ambiental dentro da empresa para que se tenha um bom desenvolvimento da Conscientização Ambiental dos funcionários e conseqüentemente um Sistema de Gestão Ambiental mais eficaz.

Duas pessoas indicaram estarem receptivas às práticas de EA. Estar receptivo à implantação da EA é fundamental.

A educação ambiental deve ser feita porque existe muita legislação para preservar o meio ambiente que as pessoas desconhecem a existência e importância. E, além disso, através da educação ambiental é que fomentamos a participação dos associados nos projetos ambientais desenvolvidos pela

empresa. Apontar que a legislação ambiental é pouco conhecida e deve ser amplamente disseminada, para que todos tenham conhecimento das leis ambientais, revela uma preocupação fundamental para a instalação da EA na empresa.

Deve ser obrigatório, pois as indústrias são os maiores poluidores e o conhecimento ambiental adquirido nela pelos colaboradores, somado a educação ambiental nas escolas vai trazer muita diferença daqui a alguns anos. Esse posicionamento demonstra que a EA é necessária nas empresas, pois são elas – as empresas - que provocam muitos dos problemas ambientais, e considera o apoio da EA nas escolas como fundamental. Mostra também que os resultados dessas atividades aparecerão mais claramente no longo prazo, pois a EA não pode trabalhar ou esperar resultados imediatos, tendo em vista ser necessária uma mudança de comportamento das pessoas e das culturas das empresas.

Para nós da empresa a prática da EA é muito importante na formação e evolução das pessoas, pois qualquer coisa que façamos de melhoria na área ambiental, em consequência disso, sempre estamos obtendo menores custos, menores perdas, melhores qualificações e enfim, melhores resultados. Esse posicionamento revela uma satisfação em relação às atividades de EA desenvolvidas na empresa, indicando, inclusive, uma diminuição de custos e de perdas.

É a satisfação da empresa poder estar colaborando com o meio ambiente e conseguindo fazer com que tudo que se aprende aqui dentro, os colaboradores acabam levando para suas casas. O posicionamento revela a percepção da importância de que a conscientização ambiental desenvolvida na empresa, através da EA, esteja presente também na vida cotidiana das pessoas, ou seja, não somente dentro da empresa, mas também fora dela.

É de fundamental importância, pois é inviável uma empresa (principalmente de grande porte) sobreviver no médio e longo prazos sem uma força de trabalho consciente e preparada para execução de projetos e atividades relacionadas ao meio ambiente. Ao citar a importância da EA para a sobrevivência da empresa no médio e longo prazos, é revelador que, além de desenvolver a consciência ambiental, a EA proporciona a sobrevivência da empresa.

Todo o trabalho tem que partir, ou no mínimo começar pela alta administração da empresa, através da formalização de uma política ambiental corporativa, de onde as ações possam ser respaldadas e apoiadas. Havendo a base de sustentação dos projetos, o envolvimento e empenho dos colaboradores ocorre quase que como um processo natural, visto que os temas são por si só motivantes. Fica claro que, nessa afirmação, todos os membros da empresa devem estar envolvidos nos processos de EA para que seja possível consolidar seus objetivos. O respaldo e incentivo a essa prática são fundamentais. Em não tendo apoio das pessoas que dirigem a empresa, não há como desenvolver um bom trabalho de EA, conforme o que revela o

posicionamento a seguir: *Penso que seus diretores deveriam fomentar e apoiar muito mais. Hoje ainda é muito incipiente tal necessidade.*

É uma atividade extremamente necessária mais ainda pouco amadurecida. Muitas vezes é tratada como algo superficial. Creio que a educação ambiental, como todas as demais facetas da área de Meio Ambiente, tem que ser realizada de maneira extremamente profissional, com foco em resultados, e utilizando técnicas simples e objetivas. Esse apontamento revela que há uma necessidade de maior aprofundamento da prática de EA na empresa.

Importante, porém o trabalho de base (educação fundamental) deve ser tomado sempre como prioridade. Dele origina-se o entendimento das demais questões. As questões ambientais devem ser tratadas de acordo com o nível de compreensão em que a sociedade esta qualificada. O posicionamento destaca que há uma necessidade de que as práticas educativas da empresa levem em conta o nível educacional dos envolvidos. Certamente, esse apontamento indica a importância do olhar didático-pedagógico sobre a aplicação da EA. Essa prática deve levar em conta que pessoas com baixo nível educativo não podem acompanhar práticas complexas, e isso ocorre, muitas vezes, nas empresas, principalmente pela falta de estruturas pedagógicas adequadas e pela falta de fundamentação teórico-prática da EA.

Deve-se ter em mente que, para a manutenção de um sistema de gestão ambiental, deve-se ter uma atividade contínua de educação ambiental. Internamente (na empresa) pode-se implementar através de políticas, procedimentos, parcerias com empresas de recolhimento de resíduos, etc. Externamente é que temos um grande desafio. Atuar de forma orquestrada com órgãos representativos na busca de uma mudança de comportamento na sociedade é a maior questão a se enfrentar. A necessidade de uma EA continuada é apontada neste posicionamento de fundamental importância, que revela também, uma preocupação com os fatores externos à empresa, ou seja, salienta que não somente a empresa, mas também outras organizações devem estar engajadas nesse processo para que ele possa alcançar seus objetivos mais amplos.

3 CONTRIBUIÇÕES DA PEDAGOGIA PARA A IMPLANTAÇÃO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NAS EMPRESAS

Para que seja possível acelerar e dinamizar a inserção da EA, propõe-se que todo espaço educativo tenha um agente orientador de EA, que seja ponto de referência, quando profissionais sentem necessidade de buscar subsídios para sua prática educativa. A idéia de que há uma falta de apoio para a realização e consolidação da EA também é percebida e sentida por Grün (1996, p. 9), quando aponta que “o educador ambiental é hoje alguém que vive uma situação de desamparo”. Ora, se não há uma referência, a quem o responsável pela EA da empresa recorrerá, quando necessitar de apoio para incrementar sua prática educativa ambientalista? De onde ele partirá para exercer sua prática?

Para Leff,

A educação ambiental fomenta novas atitudes nos sujeitos sociais, e novos critérios de tomada de decisões dos governos, guiados pelos princípios de sustentabilidade ecológica e diversidade cultural, internalizando-os na racionalidade econômica e no planejamento do desenvolvimento. Isto implica em educar para formar um pensamento crítico, criativo e prospectivo, capaz de analisar as complexas relações entre processos naturais e sociais, para atuar no ambiente com uma perspectiva global, mas diferenciada pelas diversas condições naturais e culturais que o definem (LEFF, 2001, p. 256).

Sem um agente que acompanhe a dinâmica educativa que valorize o processo ensino-aprendizagem da empresa, onde será possível encontrar a bagagem necessária para uma prática coerente e consistente? Quem poderá fazer uma avaliação da ação educativa quanto à consolidação da EA? Para essas questões, tenta-se sinalizar, como resposta, um profissional que poderá dar esse suporte pedagógico para a implementação da EA na esfera empresarial: o Pedagogo Empresarial.

A Lei da Educação Ambiental aponta, no Art. 3º, a EA

como parte do processo educativo mais amplo, todos têm direito à educação ambiental, incumbindo: [...] V - às empresas, entidades de classe, instituições públicas e privadas, promover programas destinados à capacitação dos trabalhadores, visando à melhoria e ao controle efetivo sobre o ambiente de trabalho, bem como sobre as repercussões do processo produtivo no meio ambiente.

Neste sentido, o Pedagogo Empresarial chega no ambiente empresarial para contribuir com as ações educativas, apontando os aspectos didático-metodológicos e pedagógicos mais adequados para cada atividade educativa. Ele poderá:

- apontar diferentes formas de trabalhar os conteúdos implícitos no programa de EA da empresa, indicando sugestões de recursos didáticos mais adequados para cada situação;

- indicar aspectos relacionados aos processos epistemológicos que permeiam as ações de ensino-aprendizagem, que devem levar em conta o nível educacional de cada indivíduo envolvido;

- oferecer base teórica para a construção de materiais didático-pedagógicos;

- apresentar elementos básicos para a elaboração de um planejamento sistematizado, que seja incluso ao planejamento geral e às atividades rotineiras da empresa, de modo que a EA seja incorporada à rotina do ambiente empresarial.

Tendo a consciência de que o ato de educar dentro da empresa implica diretamente em mudanças de atitudes que extrapolam o ambiente empresarial, o pedagogo também pode contribuir para ampliar o olhar dos envolvidos, favorecendo o desenvolvimento de uma postura ética e o resgate de valores que, hoje, são abafados, como: solidariedade, cooperação, fraternidade.

A finalidade da educação ambiental é, de fato, levar à descoberta de uma certa ética, fortalecida por um sistema de valores, atitudes, comportamentos, destacando, entre os primeiros, questões como a tolerância, a solidariedade ou a responsabilidade. A educação ambiental também deveria permitir o progresso na busca dos valores mais adequados a um verdadeiro desenvolvimento (desenvolvimento sustentável) (DÍAZ, 2002, p. 37).

Por sua capacitação, o Pedagogo Empresarial leva em conta os processos educativos, metodológicos, didáticos e pedagógicos que permeiam o ambiente empresarial, além de possuir as ferramentas necessárias que orientam para um direcionamento de prática educativa voltada para o desenvolvimento de uma consciência ambiental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hoje, mais do que nunca, se fala em meio ambiente, preservação, desenvolvimento sustentável, efeito estufa, desmatamento, não só por uma necessidade de preservação dos recursos naturais, mas para o desenvolvimento de uma consciência ambiental que desperte e resgate valores humanos perdidos ao longo do processo civilizatório.

A EA, através dos seus princípios bem definidos em conferências, congressos, tanto nacionais como internacionais, busca, justamente, um novo direcionamento para a educação, que ocorre tanto em espaços escolares como fora deles, para iniciar um processo de conscientização de toda população, incluindo o meio ambiente como preocupação primeira para todas as ações humanas.

O valor social deste estudo está em sinalizar o compromisso que se tem com o mundo que habitamos e construímos. Todas ações humanas, sejam elas em casa, na escola, na empresa, têm relação direta com o meio ambiente.

A Universidade é um *locus* de produção de conhecimento que não se dissocia das funções pedagógicas, mas que as agrega na perspectiva do valor social e político que as investigações possam ter. Esta investigação, em especial, visou também discutir novas possibilidades para a atuação do pedagogo empresarial.

Importa que estejamos atentos ao fato de que o desenvolvimento humano supõe ampliação das autonomias individuais para as participações locais e planetárias. O futuro é aleatório e incerto, mas aberto a novas possibilidades para os seres que educamos. Nesse sentido, a educação de uma era planetária deveria promover o pensamento articulado capaz de analisar criticamente uma realidade multidimensional.

Educar o cidadão do mundo é tarefa de professores comprometidos com a compreensão de que nenhum conhecimento é para sempre. O sistema vivo é dinâmico e está submetido ao princípio de “degradação e regeneração incessante” (MORIN, 2003, p. 109).

Essa abordagem pretendeu, também, favorecer uma reflexão sobre o desenvolvimento de ações educativas que possibilitem uma transformação dos sujeitos em relação ao meio ambiente, promovendo a melhoria na qualidade de vida de todos os cidadãos.

A partir deste trabalho, pode-se afirmar que há, sim, a necessidade de aprimorar o processo de implantação da EA no contexto empresarial, tendo em

vista a falta de referenciais teóricos norteadores da EA apontada na pesquisa realizada.

A inexistência de profissionais graduados em Ciências Humanas, especificamente na área de formação de professores, que dão conta dos processos de ensino/aprendizagem e que contam com uma bagagem teórico-prática apropriada para a implementação de toda e qualquer ação educativa que ocorre no seio das empresas, principalmente a EA, apontada na pesquisa, revela mais uma lacuna que pode ser aqui destacada.

Através do presente trabalho, percebeu-se também, que uma das principais dificuldades para a consolidação da EA trata-se da falta de um orientador que possa dar suporte teórico-metodológico para essa ação educativa. Como a EA deve ser uma prática interdisciplinar e deve ocorrer em todos os contextos, ela acaba sem ter um agente referencial que a norteie. É um constante ato de “reinventar a roda”, perdendo-se muito tempo e qualidade nas práticas de EA.

Conclui-se, portanto, que toda ação educativa desenvolvida no ambiente empresarial, especialmente na implantação da EA, deve proporcionar aprofundamento teórico e constante reflexão e avaliação para que essa prática seja coerente, consistente, dentro de uma concepção crítica, a fim de que possa realmente promover as necessárias mudanças.

A fundamentação teórica, trazida pelo pedagogo, em relação aos processos que permeiam os atos educativos do ambiente empresarial, enriquecerá a EA na empresa de modo significativo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, Berenice Gehlen. **Planejamento Ambiental para Professores da Pré-Escola a Terceira Série do Primeiro Grau**. Novo Hamburgo: Editora e Gráfica Ottomit, 1997.

ALMEIDA, Josimar Ribeiro de; MELLO, Claudia dos S.; CAVALCANTI, Yara. **Gestão ambiental: planejamento, avaliação, implantação, operação e verificação**. [1. ed.] Rio de Janeiro: Thex, 2001.

Ambientebrasil -
<<http://www.ambientebrasil.com.br/composer.php3?base=./gestao/index.html&conteudo=./gestao/sistema.html#a>> Acesso em 12/01/2005

BERNA, Vilmar. **Ecologia para Ler, Pensar e Agir: Ética e EA para Todas as Idades**. São Paulo: Paulus, 1994.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto, **Lei nº. 9.795 de 27 de abril de 1999**. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, n. 79, 28 abr. 1999.

DÍAZ, A. **Educação Ambiental Como Projeto**. Porto Alegre: ARTMED, 2002.

FERRY, L. I et al | **Reflexões para o Futuro; Ecodúvidas**. Edição Especial da Revista Veja, São Paulo: Editora Abril, 1993, pp.173-175.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Terra**. São Paulo: Peirópolis, 2000.

GRÜN, M. **Ética e Educação Ambiental: A Conexão Necessária**. Campinas: Papyrus, 1996.

GUIMARÃES, Mauro. **Educação Ambiental. Coleção “temas em meio ambiente”**. Rio de Janeiro: UNIGRANRIO, 2000.

JORNAL DO MEIO AMBIENTE: **Lista de empresas portadoras da certificação ISO 14000**. <<http://www.jornaldomeioambiente.com.br>> Acesso em 18/12/2004.

LEFF, Enrique. **Saber Ambiental Sustentabilidade Racionalidade Complexidade Poder**. Petrópolis: Vozes, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 2002.

LIMA, José Doma Alves e SERRÃO, Mônica Armond. **A Educação Ambiental como instrumento do Sistema de Gestão Ambiental** <<http://www.niead.ufrj.br/artigodoma.htm>> 1999 - Acesso em 10/01/2005

LIMA, José Lindomar Alves. **A Educação Ambiental e a Gestão dos Recursos Humanos na Gestão Ambiental**. <http://www.ambientebrasil.com.br/composer.php3?base=./gestao/index.html&conteudo=./gestao/artigos/ea_grh.html> Acesso em 10/01/2005

MEC – PRONEA/**Programa Nacional de Educação Ambiental**, <<http://www.mec.gov.br/se/educacaoambiental/pnea.shtm>> Acesso em 03/08/2004.

MININNI, Nana Medina. **Histórico da Educação Ambiental Internacional SIBEA - SISTEMA BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO AMBIENTAL**. <http://www.mma.gov.br/port/sdi/ea/histo.cfm> Acesso em 25/09/2004.

MOREIRA, Maria Suely. **O Desafio da Gestão Ambiental**. 2001. <<http://www.indg.com.br/info/artigos/artigos.asp?11>> Acesso em 10/01/2005.

MORIN, Edgar. **Educar na era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana**/ elaborado para a Unesco por Edgar Morin, Emílio Roger Ciurana, Raúl Domingo Motta; trad. Sandra T. Venezuela, revisão técnica da trad. Edgard de Assis Carvalho – São Paulo: Cortez, Brasília DF, UNESCO, 2003.

MOURA, Luiz Antônio Abdalla de. **Qualidade e gestão ambiental: sugestões para implantação das normas ISO 14.000 nas empresas**. 2. ed., rev. e atual. São Paulo: Juarez de Oliveira, 2000.

MOTTA, Marcio Jardim. **A educação ambiental nas empresas e o sistema de gestão ambiental**. <http://old.ecolatina.com.br/br/artigos/educacao_ambiental/edu_amb_03.asp> 2000 - Acesso em 10/01/2005.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Manual de metodologia científica**. Novo Hamburgo: Feevale, 2003.

RIBEIRO, A. E. A.. **Pedagogia empresarial: atuação do pedagogo na empresa**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2004.

SCHINKE, Gert. **Ecologia Política**. Santa Maria: Tchê! Editora, 1986.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. São Paulo: Editora ATLAS, 2000.

VIEIRA, Lênia Ribeiro de Souza. **O papel da educação ambiental em empresas**. <http://old.ecolatina.com.br/br/artigos/educacao_ambiental/edu_amb_04.asp> Acesso em 10/01/2005.

VITERBO JUNIOR, Enio. **Sistema integrado de gestão ambiental: como implementar um sistema de gestão ambiental que atenda à norma ISO**

14001, a partir de um sistema baseado na norma ISO 9000. São Paulo: Aquariana, 1998.

ANEXOS

This document was created with Win2PDF available at <http://www.daneprairie.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.